



ISSN 1984-5634

APRESENTAÇÃO

DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR: POR UMA HISTORIOGRAFIA DA DIFERENÇA

JOSÉ DOS SANTOS COSTA JÚNIOR*
ALAN CRHSTIAN QUADROS ALVÃO**

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

Durval Muniz é um nome de destaque na história da historiografia brasileira contemporânea. Tornou-se famoso por ser um dos mais destacados e criativos leitores de Michel Foucault e com uma sofisticada apropriação dessa filosofia pós-estruturalista na escrita da história. Professor exigente e cativante, tem se destacado nos estudos no campo da teoria da história e história da historiografia com pesquisas realizadas e publicadas no Brasil e no exterior. Cruzando os trânsitos e trajetos da Paraíba a São Paulo e por muitos outros territórios brasileiros e estrangeiros, é um dos mais reconhecidos historiadores dos espaços, objeto de pesquisa que emergiu em sua tese *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 1994, posteriormente publicada como livro *A invenção do Nordeste e outras artes* (Cortez/Massangana, 1999), uma das mais marcantes obras da produção historiográfica contemporânea, tendo sido vencedora do Prêmio Nelson Chaves de teses sobre o Norte e o Nordeste brasileiros - Área de História, da Fundação Joaquim Nabuco em 1996. Recentemente a obra foi adaptada para o teatro pelo grupo Carmin, de Natal/RN. A peça *A Invenção do Nordeste* foi vencedora do Prêmio Shell de Melhor Dramaturgia e do Cesgranrio de Melhor Espetáculo, entre outros.¹

Este dossiê tem o objetivo de sistematizar aspectos da trajetória de Durval Muniz de Albuquerque Júnior como um dos principais historiadores contemporâneos, lançando luz sobre aspectos variados das suas pesquisas e publicações, bem como permitindo multiplicar possibilidades para investigações vindouras que queiram recobrir outras temáticas e possibilidades dessa trajetória singular. O subtítulo sugerido para o dossiê se refere justamente ao fato de que este autor é um dos maiores leitores e

COMO CITAR:

COSTA JÚNIOR, J. S.; ALVÃO, A. C. Q. Durval Muniz de Albuquerque Júnior: Por uma historiografia da diferença. *Aedos*, v. 15, n. 33, p. 5-9, jan.–jun., 2023.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é docente no Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). ORCID iD: 0000-0002-0629-3217. E-mail: josedossantoscstajr@gmail.com

** Doutorando em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela UFRGS. ORCID iD: 0000-0001-7815-3363. E-mail: alanquadrosalvao@gmail.com

divulgadores das filosofias da diferença no cenário intelectual brasileiro e latino-americano, notadamente aquela filosofia da diferença de matriz foucaultiana. Desde os anos 1980 a sua escrita historiográfica e atuação docente têm sido performadas na articulação crítica e criativa com pensadores rebeldes como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Lacan, Félix Guattari etc. Não há dúvidas de que a emergência da filosofia da diferença e sua apropriação por pensadores franceses a partir dos anos 1960 remete à obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, no século XIX e, mais que isso, aos escritos de Baruch Espinosa, pensador holandês do século XVII – a quem Deleuze chamou de “o príncipe da filosofia da diferença” (MACHADO, 2009; DELEUZE, 2018). Esta filosofia, ou na verdade, filosofias da diferença, que terão em Nietzsche um grande ponto de inspiração no século XX, se tornarão muito plurais e a depender do autor ou autora da vez, ganharão contornos muito específicos (COSTA JÚNIOR, 2022). Embora todos em alguma medida tenham se preocupado com as temáticas da linguagem e subjetividade, há que se perceber que os modos como estudaram e escreveram sobre isso não são necessariamente convergentes. E nisto está um traço rico das filosofias da diferença como apostadoras na multiplicidade, na variabilidade e na criação de novos modos de experimentar, pensar, ler e escrever. Tal intensidade filosófica – que esteve vinculada às participações políticas desses intelectuais e suas formas de intervenção no campo social – são analisadas pela filósofa brasileira Scarlett Marton quando ela reflete sobre a dita “complexidade” dos textos desses pensadores malditos ou rebeldes. De acordo com Scarlett, essa dificuldade que se tem inicialmente com os textos desses pensadores deixa muito claro como a rebeldia desses pensamentos precisava também de outras estratégias de comunicação e escrita para se fazer ver e dar a ler. A revolta ou rebeldia se deu na própria forma de escrever e pesquisar na área da Filosofia, algo que Nietzsche havia feito quando se recusou a redigir “tratados” filosóficos e experimentar a linguagem dos aforismos, por exemplo. Daí as singularidades e estranhamentos que se tem diante de obras como *As palavras e as coisas* (1966) ou *A arqueologia do saber* (1969) para ficarmos com o filósofo Michel Foucault, sem dúvida o mais fortemente presente na trajetória do historiador Durval Muniz.

Portanto, se nas filosofias da diferença não há a dicotomia entre realidade/linguagem, pode-se ver na obra de Durval Muniz uma rigorosa apropriação disso em termos teórico-metodológicos. Tal rigor jamais prescindiu de uma sensibilidade visceral nos modos de constituição dos seus objetos de pesquisa e na reafirmação da história como um saber vinculado à vida, às formas de vida sempre plurais no tempo e no espaço. “Defini-lo” como praticante de uma historiografia da diferença dirá respeito a uma trajetória que inter cruzou lugares entre uma “periferia” e um “centro” de produção da “historiografia nacional”. Sob o signo de uma diferença muitas vezes polêmica e atacada pelos críticos de plantão, mas não menos elogiada e premiada pela crítica especializada, a obra de Durval Muniz vem fazendo muito: deslindou as tramas que constituíram o Nordeste como um recorte regional nem sempre questionado no desenho da nação, abrindo assim a possibilidade de uma história dos espaços, quando estes eram dados como sempre aí; sacudiu o castelo de imagens e cenas que compuseram a masculinidade em relações de poder e dominação, a exemplo do “nordestino cabra-macho”; deslegitimou as identidades regionais e de gênero em um gesto irônico e iconoclasta, genuinamente nietzschiano, desconfiando das vontades de poder e de verdade implicadas no “princípio da identidade” criado desde Aristóteles

1 Para uma levantamento com os prêmios recebidos em 2019, ver: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/01/16/grupo-carmin-realiza-sessao-virtual-de-a-invencao-do-nordeste-na-quarta-feira-19.ghtml#:~:text=Em%202019%2C%20%22A%20Inven%C3%A7%C3%A3o%20do,Cultural%20e%20Quest%C3%A3o%20de%20Cr%C3%ADtica>. Acesso em 31 de jan. 2023.

(MOSÉ, 2014); descreveu as marcas do falocentrismo e do sexismo na prática historiográfica e na monumentalização do passado; mobilizou as ferramentas genealógicas de Nietzsche e Foucault e a metáfora do “jogo” para analisar as relações político-institucionais que marcam a escrita da história entre disputas e privilégios; cruzou espaços variados, leu e deu a ler uma forma sofisticada e sensível de pesquisar-escrever a história, sem necessariamente adotar um tom panfletário nem salvacionista, mas assumindo a escrita como possibilidade multiplicadora. Afinal, falar em uma historiografia da diferença tem muito menos a ver com a configuração de um roteiro a seguir do que com uma atitude a adotar frente ao arquivo, às fontes, ao corpo a corpo na pesquisa e no ensino, às formas de tornar o passado inteligível e o presente estranhável, analisável.

Durval Muniz possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1982), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona e em Teoria e Filosofia da História pela Universidade de Coimbra. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professor visitante da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordena o *Corpus*: grupo de estudos e pesquisas em história dos corpos e das sensibilidades; faz parte do *Histor*: Núcleo de estudos de teoria da história e história da historiografia e do grupo de pesquisa em História dos Sertões. Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Filosofia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, nordeste, masculinidade, identidade, cultura, biografia histórica, produção de subjetividades e história das sensibilidades.

Autor de textos sobre espaços e regionalidades, gêneros e sexualidades, atento ao corpo na história e às sensibilidades que emergem do arquivo e podem ser traduzidas ou comunicadas pela escrita da história, Durval tem se consolidado como um dos principais historiadores brasileiros também ao defender e enfrentar as armadilhas do tempo presente. Se desde a adolescência esteve engajado em espaços de formação política e ética – como a entrevista desse dossiê nos permitirá perceber –, a sua inserção no campo acadêmico nunca o distanciou dos movimentos sociais e da luta em defesa da democracia. É assim que tem se posicionado e atuado mais recentemente diante dos desafios da conjuntura política e cultural brasileira.

Os textos que compõem o dossiê foram escritos por pessoas que tiveram as suas trajetórias acadêmicas e profissionais articuladas às de Durval Muniz, em diferentes momentos e posições variadas, desde aluno e orientando à companheira de turma no doutorado. Em *O que pode um livro?* a historiadora Regina Horta Duarte (UFMG) conta sobre a sua aproximação com Durval Muniz nos anos 1980 e o impacto da obra *A Invenção do Nordeste* no panorama historiográfico nacional. Como uma flecha rápida e certa, o texto nos permite pensar sobre as sensibilidades que um livro pode produzir, assim como as possibilidades disruptivas e inventivas que uma nova interpretação da história pode apresentar: “o Nordeste foi inventado!” Como? Por quê? Quando?

Ora, se o termo “invenção” está presente na obra de Durval Muniz desde a sua tese defendida em 1994 na UNICAMP, de lá pra cá a formulação desse conceito bastante operatório foi passando por transformações. Este é um ponto de partida da reflexão do historiador Fernando Bagiotto Botton

(UESPI) em *Com quantos paus se faz uma teoria? Invenção e masculinidade nos escritos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior*. No texto o autor discute o método inventivo-metafórico durvaliano em que “o termo ‘invenção’ não é mera palavra, nem necessariamente um conceito unívoco: é o produto e o resumo de um método, de um *modus operandi* intelectual, epistemológico, historiográfico, ético e político que se afirma por meio da irrupção da novidade, da multiplicidade, da ruptura e da diferença”. Trata-se de algo que se expressou na forma inovadora como este historiador foi estudar as masculinidades dentro da sua ampla pesquisa sobre a invenção do Nordeste como recorte regional. Na obra *Nordestino: Uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)* o historiador lança mão de uma análise crítica do gênero masculino como objeto de uma invenção histórica que, no caso da figura do “nordestino cabra-macho”, esteve articulado a processos de subjetivação marcados pela violência e dominação sobre os corpos não condizentes com tal identidade historicamente fabricada. Assim, Botton nos fala de uma historiografia durvaliana marcada por uma “defesa indelével da pluralidade e da multiplicidade de existências e práticas no interior da história, sua militância frente a uma perspectiva irreverente e desmitificante da história tanto lhe garantiu a alcunha de um historiador maldito como também abriu caminho para uma verdadeira vertente historiográfica mais reflexiva e teoricamente embasada”.

Assim, tomado o conceito de invenção como ferramenta heurística para a crítica da realidade e das narrativas históricas na obra de Durval Muniz, vemos outros desdobramentos para pensar a própria composição da historiografia profissional e científica no Brasil a partir dos anos 1970. Nisto, o texto *Percursos, encontros e produção do saber histórico: Durval Muniz de Albuquerque Jr. na geografia disciplinar da História no Brasil (1990-2015)*, de Wagner Geminiano dos Santos, emerge nesse dossiê para fazer ver como Durval Muniz foi um dos intelectuais protagonistas da renovação do debate historiográfico dos anos 1980 para cá.

Focaliza a trajetória intelectual do nosso historiador em dois momentos: primeiro, a realização do doutorado em História na UNICAMP até a publicação do livro *A Invenção do Nordeste*; segundo, os acontecimentos e parcerias que o levaram à presidência da Associação Nacional de História (ANPUH) no biênio 2009-2011 – sendo o primeiro historiador fora do eixo Sul-Sudeste a assumir esse posto –, buscando relacioná-los à configuração da memória e da geografia disciplinar da história profissional no Brasil no período. Santos (2021) propõe o conceito de “geografia disciplinar” para “pensar e descrever a espacialização do saber histórico e a constituição das hierarquias de espaços e lugares de inscrição e produção do discurso histórico. Uma geografia disciplinar consiste nos processos de espacialização e hierarquização deste saber em um dado tempo e sociedade” (SANTOS, 2021). Tendo se configurado como historiador dos espaços, Durval Muniz foi e continua sendo um profundo crítico da clivagem que se faz entre “história nacional” (como sinônimo da produção feita no eixo Rio-São Paulo) e “história regional” para se referir à produção proveniente das instituições do Norte e Nordeste, ocupando aí uma posição não privilegiada na hierarquia institucional e acadêmica que até então funcionava quase como um não-dito.

Ainda nessa chave analítica da história dos espaços tem-se o texto de Gabriel José Pochapski (UNICAMP), *A escrita da história como prática de deslocamento: cartografando Durval Muniz, historiador e orientador*. Nele se pode ler uma narrativa sensível e uma “cartografia sentimental” de um jovem historiador que ao se encantar pela forma como Durval Muniz pensa e escreve, saiu do Paraná para

realizar o mestrado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com o objetivo de ser seu orientando. Desse gesto narrativo e analítico vemos os bastidores de uma pesquisa e de um processo de orientação acadêmica, mas fundamentalmente humana e subjetiva. Das conversas e cafés às correções obrigatórias, Pochapski nos mostra as dinâmicas e desafios do tornar-se historiador pelas mãos de Durval Muniz, ensinando-o a (re) pensar processos metodológicos e a própria presença da subjetividade na escrita de uma “ciência nômade” *a la* Deleuze-Guattari.

As dobras do processo de orientar a formação de novos historiadores foi um dos temas da nossa conversa com o professor Durval Muniz em duas entrevistas realizadas em momentos distintos (27 de agosto de 2021 e 6 de setembro de 2022), mas articuladas pelo desejo de compreender alguns aspectos da sua trajetória e da sua recepção do pensamento de Michel Foucault no Brasil.

A trajetória de Durval Muniz tem sido marcada por deslocamentos, algo expresso também na resenha *Tecer o tempo, proliferar as diferenças: a escrita e a teoria da história de Durval Muniz de Albuquerque Júnior*, escrita por Jacson Schwengber (UFRGS). Por meio dessa análise do livro *O tecelão dos tempos* (Intermeios, 2019), que contém novos ensaios de teoria da história, se vê uma síntese do conjunto de aprendizados que cada texto nos dá sobre como pensar (ainda, e outra vez) as aventuras e desventuras do processo de pesquisar e escrever na área da História com um afeto apaixonado no peito e um sorriso irônico nos lábios, assim como a famosa Mona Lisa.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. *Anos 90*, v. 11, n. 19, p. 79-100, 2004.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: Uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- COSTA JÚNIOR, José dos Santos. Pós-estruturalismo e escrita da história: a genealogia foucaultiana como crítica da subjetividade. *Revista de Teoria da História*, v. 25, n. 1, Goiânia, 2022.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução: Mariana de Toledo Barboa, Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.